

## A NUDEZ COMO ESTIGMA: AS IMAGENS DAS BRUXAS E DAS INDÍGENAS TUPINAMBÁS NOS PANFLETOS DO SÉCULO XVI

### NUDITY AS A STIGMA: THE IMAGES OF WITCHES AND TUPINAMBÁ INDIGENOUS IN 16TH CENTURY PAMPHLETS

Beatriz Couto<sup>1</sup>

#### RESUMO

O movimento de perseguição e demonização da mulher conhecido como “caça às bruxas”, se estendeu entre o século XV e o século XVIII por toda a Europa. Essa perseguição contra as mulheres acusadas de praticarem bruxaria se intensificou especialmente após a criação do Tribunal do Santo Ofício, que funcionava como uma espécie de tribunal religioso que condenava todos aqueles que eram contra os dogmas pregados pela Igreja Católica ou que eram considerados uma ameaça às doutrinas cristãs. O objetivo desta dissertação, ainda em andamento, é mostrar como a perseguição da Igreja Católica associada à divulgação de imagens das indígenas tupinambás nuas influenciou a disseminação de estereótipos da mulher tida como bruxa má em panfletos na Europa no século XVI. Vamos utilizar as propostas de estudos sobre a imagem de Hans Belting e Norval Baitello Júnior, além do método da polimagem de Isabelle Anchieta para analisarmos, a partir de imagens coletadas em meio *online*, a atuação da imprensa na construção dos estigmas relacionados ao corpo nu das mulheres tidas como bruxas. Esta dissertação busca evidenciar o fato de que, ao falarmos sobre a perseguição das mulheres tidas como bruxas, estamos contando também uma parte da história das mulheres e dos desafios enfrentados em sociedades patriarcais e misóginas.

**Palavras-chave:** Estereótipos do corpo nu; Bruxas; Imprensa europeia do século XVI; indígenas tupinambás.

#### SUMMARY

The movement of persecution and demonization of women, known as the “witch hunt”, extended from the 15th to the 18th century throughout Europe. This persecution against women accused of practicing witchcraft intensified especially after the creation of the Tribunal of the Holy Office, which functioned as a kind of religious court that condemned all those who were against the dogmas preached by the Catholic Church or who were considered a threat to the doctrines. christians. The objective of this dissertation, still in progress, is to show how the persecution of the Catholic Church associated with the dissemination of images of the nude Tupinambá indigenous influenced the dissemination of stereotypes of women considered as evil witches in pamphlets in Europe in the 16th century. We will use the proposals of studies on the image of Hans Belting and Norval Baitello Junior, in addition to the

1 É jornalista formada pela Universidade de Santa Maria com intercâmbio na Universidade de Coimbra (PT), faz especialização em Arte: crítica e curadoria pela PUC/SP, além de ser mestranda pela mesma instituição sob orientação do professor Dr. Norval Baitello Junior. <https://orcid.org/0000-0002-9554-671>; [beatriz.nogueira.couto@gmail.com](mailto:beatriz.nogueira.couto@gmail.com)

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60814>



method of polyimaging by Isabelle Anchieta, to analyze, from images collected online, the role of the press in the construction of stigmas related to the naked body of women. women believed to be witches. This dissertation seeks to highlight the fact that, when we talk about the persecution of women considered witches, we are also telling a part of the history of women and the challenges faced in patriarchal and misogynistic societies.

**Keywords:** Stereotypes of the naked body; witches; 16th century European press; Tupinambá people.

## INTRODUÇÃO

Quando falamos em bruxas, logo lembramos da figura disseminada na cultura popular: uma mulher velha com um chapéu e vassoura voadora, capaz de fazer magias e, na maioria das vezes, utilizar suas habilidades para o mal. No entanto, por trás das lendas criadas pela sociedade, existem muitas tradições e crenças que fazem parte do mundo real e que foram motivos de perseguições durante séculos.

No final da Idade Média, com o crescimento da religião cristã, mulheres que não seguiam à risca as normas sociais impostas eram consideradas mentalmente insanas e se tornaram alvos de perseguições intensas. De acordo com discursos da Igreja disseminados por toda a Europa, as bruxas eram mulheres muito ligadas à cobiça carnal, que não tinham limites para satisfazer seus desejos e utilizavam diversos poderes sobrenaturais para agradar ao diabo, seu grande mentor.

No período da Inquisição, a Igreja criou o Tribunal do Santo Ofício com o objetivo de impedir que as pessoas desviassem dos ensinamentos cristãos, e para isso eram usados diversos métodos de punição. Entre os séculos XIV e XVIII, a caça às bruxas tornou-se ainda mais forte na Europa e nas colônias americanas. Carlo Ginzburg (1939-presente), em seu livro *História Noturna* (2012), estima o número entre 3-4 milhões de pessoas que foram executadas por meio de enforcamentos, afogamentos e queimas nas fogueiras.

A partir das expedições realizadas pelos colonizadores portugueses no Brasil as imagens das indígenas tupinambás canibais começaram a circular pela Europa e contribuíram para estabelecer uma narrativa da mulher como um ser que rompe com a ordem natural das coisas. O termo canibalismo designa os rituais que envolvem o consumo de carne humana por indivíduos que participam de uma celebração. Trata-se de um costume que, embora fosse visto como um comportamento bárbaro e monstruoso sob a perspectiva eurocêntrica, possuía enorme poder significativo para

as culturas que o praticavam. O sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995) foi responsável por um dos maiores trabalhos de observação da ocorrência dessa prática com os povos Tupinambás, uma sociedade guerreira de índios que abraçava o ritual do canibalismo como parte integrante de sua cultura.

A obra *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* aborda a guerra do ponto de vista dos Tupinambás. Nesse contexto, o ritual do canibalismo era o ápice do processo que poderia durar meses ou até mesmo anos. Não se comia o inimigo para simplesmente se alimentar, mas sim por seu espírito: o consumo da carne de um inimigo era feito em nome da obtenção de sua força, coragem e habilidade. No entanto, a ideia disseminada na Europa sobre o ritual antropofágico foi interpretada como algo diabólico.

Logo, a união das imagens das indígenas canibais em conjunto com a perseguição às mulheres pela Igreja Católica contribuiu para a criação de estereótipos em relação a imagem do corpo dessas mulheres tidas como bruxas, tendo a imprensa colaborado profundamente para a disseminação desses estigmas por meio de panfletos sensacionalistas que circulavam na época.

## **NO CREO EN LAS BRUJAS, PERO QUE LAS HAY, LAS HAY: A CAÇA ÀS BRUXAS NA EUROPA**

Com crescente onda do antropocentrismo (o Homem como centro do universo) no século XV, o teocentrismo (Deus como o centro do universo) foi entrando em decadência, o que não agradou os líderes religiosos que mantinham a Europa sob controle até então. Esse distanciamento entre a religião católica e os fiéis também significou que a arte, a ciência e a filosofia não giravam mais em torno da Igreja e dos fundamentos implementados por ela. Com uma certa instabilidade em ascensão, a Igreja Católica deu início ao processo que visava levá-la novamente ao

poder. Para isso foram implementados os Tribunais de Inquisição durante o papado de Gregório IX. A Inquisição surgiu como um órgão para investigar os suspeitos de heresias. Esses tribunais eram formados majoritariamente por juízes da Igreja Católica, que perseguiram, julgavam e puniam pessoas acusadas de se desviar das normas de conduta da época.

Além disso, no final do século XV, os cercamentos começaram a surgir na Europa, principalmente na Inglaterra. De acordo com Sílvia Federici (2019), em seu livro “Mulheres e a caça às bruxas”, esse fenômeno, juntamente com os processos de Inquisição, foram responsáveis por fazer as primeiras vítimas do capitalismo: as mulheres.

Os cercamentos foram um fenômeno inglês pelo qual a classe proprietária de terras e membros abastados da classe camponesa cercaram terras comuns, colocando fim aos direitos consuetudinários e desalojando a população de agricultores e colonos que delas dependiam para sobreviver. [...] As mulheres mais velhas foram as mais afetadas por esses acontecimentos, pois a combinação de alta dos preços e perda de direitos consuetudinários as deixou sem ter de onde tirar o sustento, ainda mais se fossem viúvas ou não tivessem filhos e filhas com capacidade ou disposição para ajudá-las. (FEDERICI, 2019, p. 61).

As mulheres sempre carregaram um sentido de máxima importância na sociedade. Por serem capazes de engravidar, detém o poder de dar seguimento à vida na Terra. Além disso, desde os primórdios da humanidade, era papel das mulheres criar os filhos, transferindo conhecimento sobre como funcionava a natureza, as estações do ano e o plantio. Conseqüentemente, começaram a aprender como funcionava o corpo humano e como combater doenças utilizando o uso de plantas medicinais.

Esse conhecimento foi passado de geração a geração, de mãe para filha e, com isso, a mulher garantia seu valor na sociedade. No entanto, à medida que essas mulheres, as antigas enfermeiras, parteiras, professoras, estudiosas e

benzedeiros começaram a questionar seu papel até então inferiorizado pelos homens, a Igreja Católica, dominada por ideias patriarcais, percebeu uma possível ameaça. A mulher foi se tornando o símbolo da ameaça, a personificação do mal, que iria desestabilizar a paz e o progresso do capitalismo.

Primeiro, as bruxas não eram apenas vítimas. Eram mulheres que resistiam à própria pauperização e exclusão social. Ameaçavam, lançavam olhares reprovadores e amaldiçoavam quem se recusava a ajudá-las; algumas se tornaram inconvenientes, aparecendo de repente, e sem serem convidadas, na soleira de vizinhas e vizinhos que viviam em melhor situação ou realizando tentativas inadequadas de se tornarem aceitas ao oferecer presentinhos para criancinhas. (FEDERICI, 2019, p. 63).

De acordo com o *Malleus Maleficarum*, manual jurídico-religioso utilizado pelos inquisidores durante a caça às bruxas, os quatro pontos essenciais da bruxaria seriam: “a renúncia da fé católica, a devoção integral aos serviços do mal, o sacrifício de crianças e a prática de orgias que incluía relações sexuais com o Diabo” (RUSSELL; BROOKS.2019, p.102).

Mesmo no século XVI, já com a chegada dos europeus ao Brasil, as xilogravuras que circulavam em toda a Europa ainda contribuía nesse sentido. Os panfletos que continham tais xilogravuras alertavam para os perigos de mulheres nuas, ativas sexualmente, com poderes sobre a vida e a morte, e canibais.

Esses panfletos sensacionalistas seguiam uma fórmula simples: página única, imagem impactante, manchete forte e um pequeno texto. Segundo Abaigéal Warfield (2013), muitos panfletos eram escritos de forma que pudessem ser cantados, fazendo com que as notícias atingissem também a população de não letrados. Logo, as xilogravuras estavam presente em todas as camadas sociais e o sobrenatural foi aos poucos se tornando um dos principais temas desses periódicos: a imagem da

mulher-bruxa servia como uma função de alerta do mal que se propagava pelas cidades. As imagens reproduzidas em grande quantidade e espalhadas pelo continente europeu produziram consequências reais na vida das mulheres que foram perseguidas e assassinadas.

Nesse contexto, as imagens das índias tupinambás canibais circularam de forma intensa na Europa após a chegada nas Américas. Mais do que uma imagem de índias brasileiras colonizadas, o olhar demonológico introduziu novos elementos na composição do que é ser uma bruxa: o caldeirão, o infanticídio, a nudez e o sabá (a dança em grupo). Assim, é interessante notar que estes são elementos presentes tanto nas representações que artistas europeus faziam das índias tupinambás como na iconografia das bruxas na Europa. (ANCHIETA, 2021, p.27)

Muito se fala sobre a influência da Europa sobre a representação dos indígenas no Brasil, já que os artistas muitas vezes não participavam das viagens marítimas exploratórias e se detinham à iconografia que já conheciam, baseada principalmente na arte clássica. Mas Isabelle Anchieta (2021) dá pistas de uma possível “contaminação mútua entre o Velho e o Novo mundo” (ANCHIETA, 2021, p. 163) lembrando que as bruxas eram antes representadas manuseando potes e vasilhas, e não um caldeirão canibal. “O caldeirão canibal só aparece nas imagens de bruxas após aparecer junto das índias tupinambás.” (ANCHIETA, 2021, p. 133).

É interessante notar que as imagens possuem grande poder para criar estereótipos que, ao longo do tempo, contribuem, por exemplo, para a exclusão e o medo de certos grupos específicos. De acordo com Gary K. Waite (2014), os estereótipos podem permanecer adormecidos por longos períodos, “apodrecendo e criando ressentimento, saindo do submundo do subconsciente durante momentos de crise para provocar atos imensamente irracionais”. (WAITE, 2014, p.17/Tradução nossa). Assim, o corpo nu da mulher foi se transformado cada vez mais em um mero

objeto, tornando-se sujeito a julgamentos da sociedade patriarcal em que viviam aquelas acusadas de praticar magia.

Figura 1. As quatro bruxas de Hans Dürer, 1497



Fonte: Domínio Público

A nudez, por sua vez, agiu como um catalisador de pensamentos contraditórios no curso da evolução humana. Philip Carr-Gomm (2010), professor e pesquisador da Universidade de Sussex, traz algumas questões em seu livro *A Brief*

*History of the Nakedness*. O pesquisador se pergunta logo no início do livro “por que é que a nudez perturba alguns, mas excita outros? E por que algumas religiões condenam a nudez enquanto outras encorajam?”. (CARR-GOMM, 2010, p.8/tradução nossa).

Algumas das imagens religiosas mais antigas como a Vênus de Willendorf, esculpida por volta de 29.500 a.C., por exemplo, representam uma figura feminina nua. Mas com o passar dos anos e, posteriormente, com o catolicismo já enraizado nas sociedades medievais, “a imagem do corpo nu, se tornou um templo, mas também uma prisão”. (CARR-GOMM, 2010, p.10/Tradução nossa). A nudez passou a ser vista como algo a ser condenado, já que feria a moral. Nesse sentido, o corpo da mulher passou a ser cada vez mais um objeto de discussão, principalmente durante o final da Idade Média, no ápice do período de caça às bruxas, no século XVI.

Figura 2. Vênus de Willendorf



Fonte: Domínio Público

Partimos da hipótese, portanto, de que antes da Antiguidade Clássica e das expedições ao Novo Mundo, o modo como o corpo feminino era visto diferia do modo como passou a ser visto depois, especialmente a partir do século XV. Antes o corpo e especialmente a nudez feminina era considerada como algo positivo, isto é, em culturas antigas a nudez era admirada. Com a Inquisição, as mulheres passaram a ser vistas como pessoas moralmente frágeis, que facilmente poderiam ser possuídas tornando-se bruxas e seu corpo foi sendo cada vez mais censurado. Paralelamente a imprensa possibilitou que o medo em relação às mulheres

européias tidas como bruxas aumentasse, o que foi reforçado a partir da circulação das imagens das índias tupinambás nuas e canibais.

## **A IMAGEM E O IMAGINÁRIO**

O interesse pelo estudo da imagem permeia diferentes áreas do conhecimento. As imagens, segundo Norval Baitello Júnior (2014, p.8), quando portam valores, sustentam os vínculos entre o homem e suas raízes, tanto culturais quanto históricas.

O historiador de arte alemão Hans Belting utiliza a antropologia para entender o que é a imagem. Na sua compreensão é somente por meio da antropologia que compreendemos um objeto, no caso a imagem, que é determinada culturalmente e que pode elucidar grandes questões da humanidade, a exemplo da própria existência do ser humano.

Uma 'imagem' é mais que um produto da percepção. Surge como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva. Tudo o que comparece ao olhar ou perante o olho interior pode deste modo aclarar-se através da imagem ou transformar-se numa imagem. Por isso, o conceito de imagem, quando se toma a sério, só pode ser, em última análise, um conceito antropológico. (BELTING, 2014, p. 21).

Em *Antropologia da Imagem*, Hans Belting (1935 – presente) propõe entender, portanto, a imagem a partir do tríptico: imagem, meio (veículo das imagens) e corpo. A imagem para Belting é feita de histórias e de camadas anteriores que devem ser entendidas para além da sua questão estética – cores, formas, ícones –, mas sim voltadas ao contexto em que foram produzidas, isto é, segundo seu ambiente cultural.

Assim, imagem, corpo e meio são indissociáveis. “O meio funciona como suporte, anfitrião e ferramenta para a imagem”. (BELTING, 2014, p. 14). A imagem

precisa do meio para se materializar, se tornar visível. Mas é o corpo que possibilita que a imagem se torne viva. Nosso corpo para Belting tem capacidade de armazenar imagens de lugares e coisas na memória. Nos corpos, conjugamos particularidades pessoais com outras coletivas. Logo, para Belting existem dois tipos de imagens as endógenas, isto é, nossa memória individual, nossa imaginação, nossos sonhos e nossos devaneios e as imagens exógenas como a pintura, a xilogravura, a fotografia, entre outros.

Para Belting as imagens endógenas e exógenas se misturam e se relacionam o tempo todo. Isso ocorre porque há uma interação entre elas, as imagens não existem apenas interna ou externamente. Um artista, por exemplo, é capaz de produzir do seu íntimo algo que afeta e transforma o imaginário coletivo. É o que observamos ao voltarmos o nosso olhar aos panfletos produzidos no século XVI durante a caça às bruxas. A imagem da bruxa surgiu a partir da imaginação da sociedade da época sobre o que elas representavam (imagem endógena) e depois se concretizou em xilogravuras (imagens exógenas) por artistas como Albrecht Dürer.

Figura 3. Albrecht Dürer, Witch riding backwards on a goat, século 16



Fonte: Rosenwald Collection

Na imagem acima podemos ver uma mulher de aparência idosa, nua e com seus cabelos brancos soltos. Ela está em cima de um bode (animal visualmente ligado ao Diabo) dando as costas para o que seria a parte da frente do local em que ela está. A mulher carrega consigo uma vassoura, outro item que era constantemente conectado a bruxaria. Pensava-se que a bruxaria invertia a ordem natural das coisas, por isso o cabelo da bruxa corre numa direção, enquanto o bode e o vassoura indicam a direção oposta. Além disso, ao seu redor se encontram quatro querubins que carregam símbolos da bruxaria tal como um vaso de

alquimista. Dürer desenha o que na época era visto com medo e desconfiança: a mulher e o sobrenatural. Essa xilogravura foi amplamente divulgada em panfletos do século XVI, principalmente porque no século passado o manual inquisitorial *Malleus Maleficarum* já tinha sido amplamente divulgado pela Europa, principalmente na Alemanha, país de onde Dürer era natural.

Outro exemplo de como ocorre a junção entre as imagens endógenas e exógenas pode ser vista na relação entre os indígenas e os colonizadores, como escreveu Serge Gruzinski (1949 – presente) em *A Colonização do Imaginário*. Os indígenas tinham suas próprias imagens mentais dos seus deuses e praticavam um culto a elas. Quando os colonizadores chegaram, logo começaram a demonizar o pensamento desses povos e iniciaram a domesticação do pensamento dos indígenas introduzindo imagens de representações europeias. Quando essas imagens penetram na imaginação dos indígenas houve uma mudança tanto na memória individual quanto coletiva, a imagem passou a ser um modo de reforçar as relações de poder europeias e católicas. Gruzinski utiliza o México como pano de fundo da sua discussão, mas é possível também aplicá-las ao Brasil. Além disso, as imagens dos indígenas tupinambás praticando canibalismo circularam pela Europa contribuindo para criar medo e o preconceito na imaginação das sociedades europeias do século XVI sobre os povos de países distantes.

Figura 4. Rituais antropofágicos, Theodore de Bry, Século 16



Fonte: Itaú Cultural

Essa fusão de símbolos e histórias influenciam a construção dessas imagens que se complementam e se mesclam formando o que Isabelle Anchieta (2021, p.23) denominou de polimagem, significa afirmar que uma obra dialoga com outras, na medida que cada imagem contém sempre a citação de outras imagens produzidas

anteriormente. As imagens são importantes também para entendermos a construção do imaginário social e cultural de sociedade.

O imaginário, para Edgar Morin (1921-presente), está ligado à nossa vida anímica, à nossa realidade afetiva. Morin defende, portanto, que o humano traz em si uma face imaginária e outra prática de tal forma que as imagens se misturam com o real e o irreal, atribuindo os encantos do imaginário à realidade bem como as virtudes da realidade ao imaginário.

Quando eu fiz meu primeiro trabalho importante, que se chama “O homem e a morte”, foi ali que eu descobri o imaginário. Porque eu parti de uma concepção mais ou menos marxista, em que o mundo do mito, do imaginário é uma superestrutura, um elemento secundário. Fazendo este trabalho eu me dei conta de que ele era também importante: Homo faber em um polo e Homo imagineire em outro polo também importante, que é igualmente fundamental no ser humano, além do lado produtor, técnico. Esse tema é tratado em meu livro *Le cinéma ou l’homme imagineire*, no que concerne a mito, crença, imaginário, sobretudo quando toma a forma de um mito ou de uma fé religiosa. Eu vi que isso tem uma importância fundamental. Nós temos a necessidade à noite de sonhar, de fabricar o imaginário, é alguma coisa de fundamental. Mesmo durante o dia nós temos fantasmas, devaneios etc. Foi muito mais uma evolução pessoal que me conduziu a colocar o imaginário, e, da mesma maneira, a compreender a diferença entre o humano e o animal, porque existem similaridades e diferenças... Então, foi no imaginário também que isso se realizou. Ainda que eu saiba que os animais sonham, existem estudos sobre isso, eles possuem também sua parte de imaginário, mas nós temos imaginário em pleno dia, no estado de vigília, e é isso que é interessante. Nós temos a necessidade de nutrir nosso imaginário com lendas, romance, filmes etc. (MORIN apud OLIVEIRA; ALMEIDA, 2019, p.11).

Além disso, para o filósofo, as representações, os símbolos, os mitos e as ideias:

São englobados simultaneamente pelas noções de cultura e de Noosfera. Sob o ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Sob o ponto de vista da Noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de uma certa existência. Saída das próprias interrogações que tecem a cultura de uma sociedade, a Noosfera emerge

como uma realidade objetiva, dispondo de uma relativa autonomia e povoada de entidades a que vamos chamar de “seres do espírito” (MORIN, 2005, p.139).

Assim, os seres do espírito, segundo o Morin, deslocam-se de um ser humano a outro e, ao encontrar um ambiente favorável, se instalam e se relacionam com outros seres noológicos que formam o que ele chama de ecologia mental da pessoa em questão. “Ao considerar o imaginário como componente fundamental do conhecimento humano, Morin empreende esforços no sentido de explicitar as imagens das quais faz uso para constituir suas ideias”. (DE ALMEIDA; DA SILVA OLIVEIRA, 2020, p. 81).

Desse modo, ao analisarmos as imagens das indígenas tupinambás e das mulheres tidas como bruxas por um olhar interdisciplinar podemos entender melhor não apenas aquilo que é concreto nas imagens como seus símbolos e cores, mas entender a sua história, a história de quem a fez e a história da sociedade em que ela foi feita. Possibilitando um olhar mais amplo para entendermos o papel da imagem no imaginário de uma sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo se propôs a mostrar o objetivo principal da pesquisa de dissertação, ainda em andamento, a partir de um olhar interdisciplinar sobre a imagem do corpo nu das mulheres tidas como bruxas. Vimos que caça às bruxas se estendeu entre o século VX e o século XVIII e provocou a morte de milhares de pessoas, a maioria de mulheres. Parteiras, benzedeadas, curandeiras ou qualquer mulher que buscasse um pouco de liberdade a mais do que era concedido socialmente naquele período era acusada de praticar magia.

A mulher passou a ser vista como uma pessoa com intenções diabólicas,

sexualmente ativas e pouco confiáveis. Sua relação com a natureza e os astros fizeram com que elas fossem perseguidas e mortas, queimadas ou enforcadas. A caça às bruxas está conectada também com o desenvolvimento do capitalismo e do controle do corpo feminino, onde o corpo das mulheres é visto tanto como uma forma de resistência, mas também um lugar de exploração. A história das mulheres é a história de classes, isto porque, de acordo com a Silvia Federici (2019), a “feminilidade” foi construída como uma função de trabalho. Com o controle maior da Igreja e do Estado, foi estabelecido que o único trabalho da mulher seria o de reprodução, já que quanto mais filhos, mais mão de obra barateada. Nesse sentido, falar sobre a história da bruxaria é falar também sobre a história da mulher e do seu papel na criação de redes de sentidos culturais e sociais.

Ainda há muito a ser estudado e aprofundado sobre a caça às bruxas: a relação entre a caça às bruxas e o capitalismo, a relação com a desinformação propagada pela imprensa, além da relação com a arte contemporânea e a arte feminista. Esses são alguns dos temas que podem ser abordados, por exemplo, pelo viés da Comunicação e da Semiótica e que podem contribuir no avanço de um diálogo decolonial sobre o papel da mulher na sociedade, uma vez que ao estudarmos a história da caça às bruxas, compreendemos também a história da mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. Paulus, 2014.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem para uma ciência da imagem**. Lisboa: Kkym. 2014 319 p. (Imago). ISBN 9789899768451.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário sociedades indígenas e ocidentalização no Mexico espanhol: séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras 2003 463 p. ISBN 8535903615.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias**. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2005.

OLIVEIRA, Juliana Michelli da Silva. **A vida das máquinas: o imaginário dos autômatos em O método de Edgar Morin**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18092019-101739/publico/JULIANA\\_MICHELLEI\\_DA\\_SILVA\\_OLIVEIRA.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18092019-101739/publico/JULIANA_MICHELLEI_DA_SILVA_OLIVEIRA.pdf). Acesso em: 9 nov.2022